



**João Caiado Quaresma**  
Advogado

**Negócios à Parte** | "A Sonangol, quando investe, quer apenas rentabilidade ou tem segundas intenções?"

## A Sonangol e os Fundos soberanos

A crise do *subprime*, os empréstimos de alto risco concedidos pelos bancos americanos aos seus clientes, está a ter um protagonista inesperado. Um após outro os bancos vão anunciando pesados prejuízos mas, para suavizar o efeito destes no seu balanço anunciam aumentos de capital colossais: cerca de 69 mil milhões de dólares até agora, segundo o "The Economist". E todos eles têm uma característica comum: os investimentos são efectuados por fundos de investimento que seja qual for a forma corporativa que escolhem, são geridos por governos de países. Ou seja, de repente, gigantescos fundos controlados por países estrangeiros estão a tomar participações significativas em empresas de outros países.

O que aconteceu conta-se em poucas palavras: o petróleo subiu muito e os fluxos financeiros recebidos pelos países produtores foram tão grandes que as respectivas economias não os podem, por muitas razões, absorver. Os governos desses países: Abu Dhabi; Arábia Saudita; Rússia; Noruega; Argélia, etc., preferem então investir esse dinheiro nos mercados de capitais. Só que ao fazerem-no estão, efectivamente, a tomar posições muito fortes em empresas que são importantes centros de decisão dos países destino do investimento. Além dos países produtores de petróleo, também a China, Singapura e outros países exportadores tem este tipo de fundos. Para já, esses fundos aparecem como os salvadores das empresas em dificuldades mas de futuro pode antecipar-se alguma agitação política e uma consequente tentativa regulatória.

Veja-se, em Portugal, o caso da Sonangol. Até há bem poucos anos, o investimento angolano em Portugal era pouco significativo e era, sobretudo, discretíssimo. Só que, com a subida do petróleo a Sonangol, que é detida a 100% pelo Estado Angolano, começou a sentir necessidade de in-

vestir esse dinheiro e entre outros mercados escolheu, e bem, investir em Portugal. Começou por tomar uma importante participação na Galp de forma indirecta, através da Amorim Energia. Até aqui, tudo normal. Tratava-se de tomar uma posição numa empresa do mesmo sector. A Sonangol é sobretudo produtora e o acesso à distribuição faz todo o sentido. Mas após esse passo a Sonangol deu mais um: tomou uma importante posição de 5% no BCP e teve mesmo honras de protagonista na eleição da nova administração. É previsível que se o petróleo continuar alto a Sonangol venha a tomar mais posições de destaque em empresas portuguesas. Em minha opinião tal é mesmo desejável.

É bom que o investimento entre Portugal e Angola seja uma estrada de duas vias. Tal contribui para aprofundar as relações entre os dois países o que só pode ser bom.

Porém, pode antecipar-se, que os mercados e mesmo os políticos venham a questionar os motivos da Sonangol – ou de outros fundos soberanos. A questão é simples: a Sonangol, quando investe, quer apenas rentabilidade ou, por ser uma entidade governamental, tem segundas intenções?

A resposta a esta questão é fundamental e exige grande prudência da parte dos fundos soberanos na gestão dos seus investimentos. Os mercados e os governos dos países assumem que os investidores são racionais e procuram apenas a máxima rentabilidade dos seus investimentos. Mas no caso dos fundos soberanos vão pôr-se outras questões: será que estes vão também querer fazer política por outras vias? Serão eles o braço armado de determinados governos? Vão tentar influenciar a política nacional dos países destino do investimento? Ou quererão transferir tecnologia e postos de trabalho para as pátrias respectivas? O crescimento colossal dos fundos soberanos e o facto de serem geridos por governos aconselha a máxima prudência na gestão e escolha dos investimentos. Em Portugal, onde o investimento angolano é bem-vindo, a Sonangol deverá ser especialmente prudente. No bom sentido, dada a sua enorme capacidade financeira, é um elefante numa loja de porcelanas. Por isso, tem de mexer-se com cuidado não vá excitar os ânimos de alguns políticos mais populistas. »

"Em Portugal, onde o investimento angolano é bem-vindo, a Sonangol deverá ser especialmente prudente"